

MATERIAIS DIDÁTICOS AFROCENTRADOS E O ENSINO DE MATEMÁTICA NO IFPR - CAMPUS PINHAIS

Anny Mirleni Almeida Silva
Lucas Ancacio dos Santos

INTRODUÇÃO: A implementação da educação para as relações étnico-raciais na Educação Básica, conforme as Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, ainda enfrenta desafios significativos no ensino de matemática, área frequentemente marcada pela ideia de neutralidade e universalidade do conhecimento. Essa concepção invisibiliza contextos históricos e culturais da produção do saber matemático, contribuindo para a manutenção de desigualdades raciais no ambiente escolar. Nesse cenário, este trabalho apresenta uma proposta de projeto a ser desenvolvida junto ao Neabi do IFPR Campus Pinhais, a partir de experiências formativas, oferecidas pelo núcleo, como a formação “Raízes Vivas”. A proposta busca articular ensino de matemática, etnomatemática e educação antirracista, visando à construção de práticas pedagógicas mais inclusivas e socialmente referenciadas. Nosso principal objetivo é desenvolver e analisar o uso de materiais didáticos afrocentrados no ensino de matemática do nosso Campus. Como objetivos específicos, buscaremos: problematizar a ideia de neutralidade da matemática; valorizar saberes matemáticos produzidos em diferentes contextos culturais; elaborar materiais didáticos afrocentrados e contextualizados; promover práticas pedagógicas voltadas à equidade racial; e analisar os impactos dessas práticas no engajamento e aprendizagem dos nossos estudantes. A proposta fundamenta-se na etnomatemática, que compreende a matemática como produção cultural e historicamente situada (D’AMBROSIO, 2005), e dialoga com a educação antirracista comprometida com o enfrentamento do racismo estrutural e com a valorização das identidades negras e indígenas (GOMES, 2017). Apoia-se também na crítica ao epistemicídio e à hegemonia eurocêntrica no currículo (SANTOS, 2019; MUNANGA, 2005), buscando cumprir as Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008 e as Diretrizes do Parecer CNE/CP 003/2004, que orientam a inclusão de contribuições africanas na matemática via etnomatemática.

METODOLOGIA: O projeto a ser proposto caracteriza-se como pesquisa qualitativa de natureza interventiva, estruturada em quatro etapas: 1) Formação e planejamento: encontros formativos no NEABI com foco em etnomatemática, educação antirracista e práticas pedagógicas decoloniais; 2) Elaboração de materiais didáticos: desenvolvimento de atividades que articulem conteúdos matemáticos a elementos culturais, como receitas afro-brasileiras, padrões geométricos em cestarias indígenas e análise de dados sobre desigualdade racial; 3) Implementação em sala de aula: aplicação das atividades com estudantes, utilizando diversificação das formas de participação, múltiplas formas de registro e uso ético de dados sociais; 4) Acompanhamento e avaliação: registro das práticas por meio de observações, diários reflexivos e análise do engajamento dos estudantes, visando identificar potencialidades e limites da proposta.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: Espera-se que a implementação do projeto contribua para o aumento do engajamento dos estudantes nas aulas de matemática

e para a ampliação das formas de compreensão dos conceitos trabalhados em sala de aula. Além disso, busca-se promover o desenvolvimento de uma leitura crítica da realidade, articulando o ensino de matemática à compreensão das desigualdades sociais e raciais. No campo da formação docente, espera-se contribuir para o reconhecimento de vieses implícitos e para a construção de práticas pedagógicas mais equitativas. A proposta de materiais didáticos afrocentrados configura-se como estratégia para romper com a hegemonia eurocêntrica e com a narrativa única do currículo (ADICHIE, 2019), reconhecendo a pluralidade de saberes matemáticos e inserindo no centro do processo educativo as contribuições dos povos africanos e afro-brasileiros. Destaca-se o papel do NEABI como espaço coletivo e formativo fundamental, composto por docentes, técnicos e, sobretudo, estudantes, assegurando que a transformação curricular seja construída de modo horizontal e representativo. Assim, a Lei 10.639/2003 se efetiva como currículo vivo e a educação antirracista se consolida como prática cotidiana.

Palavras-chave: Educação Matemática; Etnomatemática; Educação Antirracista.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O Perigo de uma História Única**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Brasília, DF, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 20 mar. 2026.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Brasília, DF, 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 10 abr. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CP nº 003, de 10 de março de 2004**. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 19 mai. 2004. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003.pdf. Acesso em: 10 abr. 2026.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. rev. Brasília: MEC/SECAD, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.